

Editor responsavel
 Antonio de Castro Martins

Guimarães, 10 de Agosto de 1903

Proprietario e administrador
 Antonio Dantas

ALFREDO. GUIMARÃES

Carlos Malheiro-Dias

A historia doce e triste da costureira *Anna*, é, coada atravez d'um rico temperamento de Artista, preciosamente emotivo e delicadamente simples, o maior romance de lagrimas que a litteratura de Portugal possui.

E' a paixão d'uma mãe ciumenta dos labios do filho que uma familia preconceitualista lhe furtou, exilando-a d'essa flor do seu ventre, d'um beijo da sua carne, d'um perfume da sua alma...

Camillo Castello Branco deu á novella portugueza com o seu *Amor de Perdição* o rythmo sentimentalista que *Carlos Malheiro-Dias* perfeitamente burilou no oiro do seu talento com o *Filho das Hervas*, poema em prosa d'uma mascula verdade, em que narrou a triste sorte d'uma rapariguinha adelgada e meiga que, despojada do seu thesoiro, morre na miseria como uma flor pallida e magra que o outono melasse, atirando-a dolorosamente para o lôdo...

Essa figura sympathica do *João de Albergaria*, creatura pachorrenta e meditativa que pensa livremente, mas que guarda com magua toda a sua luz da consciencia, todo o seu trabalho de muitos annos, a sua crença de philosopho mysanthropho, com receio de que a mulher, uma cadellasita de solar, beata e adocicada, lhe perturbe a paz da sua alma—é uma das mais extraordinarias, mais bellamente educadas no romance que o povo luso admira hoje.

Mas se todo o romance é uma joia de real valor luminoso e vivido, esse final é divinamente assombroso, imprevisito, admiravel...

O homem que alimentaya a esperança de sal-

var a sua patria, que rugiu como um leão na barricada funesta das luctas liberaes, que guardou consigo para fundir na sua *Obra* a dôr e o desalento pelo ephemero resurgir de Portugal, ouviu, n'uma madrugada franca de luz, o grito alacre dos clarins pelas ruas nevoentas do Porto... e accordou.

Era a cidade revoltada, supplicando em gritos liberdade, era um sonho tenebroso que nascera com o dia para adormecer com lagrimas de sangue pela noite adeante!...

E o velho patriota, cançado, rugiu de amor, e apertando na mão rugosa o caderno amarelento, aonde escrevera as suas *Leis Moraes*, atirou-o tragicamente da janella para a lama, cahindo morto sobre a sua cadeira fradesca com os braços pendurados na janella.

Um cavallo fogoso e rapido mergulhou na lama os pergaminhos que encerravam o sonho de muitos annos do velho liberal...



A lenda triste da *Sorôr Marianna*, freirinha moça e leve, é quasi que uma irmã gêmea da *Paixão de Maria do Ceu*. E' uma fidalga de minuete, pequenina e primorosa de enfeites, penteada á italiana, com a facesita mosqueada de pequeninos signaes, com as mãos esguias casadas de anéis, que se apaixonou no seu solar do *Corgo* por um peralta ameninado e loiro, de marrafa polvilhada, que vestia pelos figu-

rinos do imperio. Mas o velho *Sepulveda*, a quem preocupava a invasão de *Junot* e a retirada d'esse estupor do *D. João VI*, ausenta-se da sua fradesca vivenda de Traz-os-Montes e leva consigo para a tumultuosa Lisboa a sua linda *Maria do Ceu* que, ainda *menina e moça*, chora com saudades do seu morgadinho de Barbosa.

Sepulveda passava os dias pelas repartições seguindo no mappa a noticia do exercito invasor enquanto o rei, medroso e chorão, ao collo d'um barqueiro, seguia para uma nau, pedindo que o levassem primeiro e que trouxessem as *pequenas*... como lá diz a historia. Mas a linda *Maria*

do Ceu, recolhida n'esse triste e luctuoso casarão da Anunciada, soluçava com saudades pelo seu solar e pelo seu amor... A' noite lembravam-lhe os serões á lareira, ouvindo as môças velhas de saias de bambolins, guarda-pé de folhado e capotinho de droguete, contarem as *Tres Sidras do Amor*, enquanto o assucar tomava o ponto no taxo de cobre para a marmelada cor de vinho, para o maçapão amendoado de que só nos solares e nos conventos havia o precioso segredo.

Por uma alvorada quente e linda subia essa calçada, que ella fitava em todo o dia, um official de posto altivo e luminosamente vestido que comandava o seu sequito rapido e luxuoso.

De lá dois olhos azues, luminosos como o ceu da nossa terra, ligavam-se aos d'ella mysteriosamente, fortemente, doidamente... E de *Marmont* n'um volver d'olhos rira de contentamento — tinha mais uma presa, essa seciasinha preciosa... Seguia-a no Passeio Publico, na missa: prendia-a com os suas conversações animadas durante a noite, quando ella, envolvido o corpinho fragil e pallido n'um chale, segurava com o braço nú a adufa sombria e pesada.

E n'uma manhã, sentindo-se exilada dos que a amavam, afagada apenas pela velha Genoveva que a vira crescer pelas salas longas e silenciosas do velho *Corgo*, partiu, entregando o corpo de lyrio franzino ás mãos d'um homem materializado na estúpida disciplina militar que obriga a matar um irmão com a facilidade d'um desfechar de clavina.

Uma vez servido no seu grosseiro desejo, elle, o *enamorado*, abandonou desdenhosamente essa triste e perdida flor que melára ao esforço da sua carne, com a horrivel depravação da sua vontade.

Mendigando pelas ruas de Paris, chorosa e magra, ella soffre uma dor extraordinaria, quando os jornaes noticiavam a morte de *Marmont* no combate de Batisbone onde Napoleão, tentando alargar o seu sonho, mandava apunhalo o coração da Austria.

Voltou á sua herdade n'um fim de tarde invernosa e *Sepulveda*, pisando no peito o orgulho senhoril que herdara dos seus antepassados, abrigou a carne estiolada dos seus beijos, alquebrado e pesaroso.

E na manhã do dia immediato os seus olhos luctuosos fecharam-se á luz do sol da nossa triste terra. E se a freira da lenda piedosa morreu com o seu amor nas paredes nuas d'uma cella, soffreu menos porque as suas *Cartas*, onde vive a triste manação da sua dôr, alliviaram-lhe muito o coração.

Carlos Malheiro-Dias é hoje em Portugal como *Edmond Rostand* em Paris — o romancista das mulheres. Vivendo artisticamente pelo Coração, escreve romances e perfumadas novelas de Amor, crucificadas de martyrio, e unidas de lagrimas christianissimas...

ARNALDO PEREIRA

Estrêllas mortas

(EXCERPTO)

Santa mulhersinha que me foi parteira,
Coitadinha d'ella, quem m'a dera vêr!
Olhos de viuva, trajes de solteira,
Que mimosa bôcca para sêr roseira,
Que bonitos olhos para endoidecêr!

Nunca a gente, nunca, pela vida fóra,
Vira uma velhinha de tão dôce olhar:
Córpo de menina, môdos de senhóra,
Coitadinha d'ella, quem m'a dera agora
Para a minha noiva que se váe casar...

Dêdos de condêssa, dêdos pequeninos
De os poisar nos anjos que ella viu nascêr,
Quem m'os cá trouxera, seus dedinhos finos,
Para a minha noiva, para os meus meninos,
Que hei-de ter um dia, se o Senhór m'os der...

Fôra-lhe a existênciã n'uma grande calma:
Vida de menina, vida de pastôr.
Já em vida tinha de santinha a palma;
E ao sair do mundo — Deus lhe falle n'Alma,
Ia com os anjos loiros do Senhór.

Tôda de branquinho como as lavadeiras,
Só de azul os olhos, como os serafins!
Tinha as côres sagradas das reaes bandeiras...
— Que bonita bôcca para dar roseiras!
Que formosos olhos para ter jasmims!

Com novêta annos, cousa que me espanta,
Nada mais bonito este mundo têm.
Quanta cousa rara por cá vira, quanta!
De vivêr já tanto se fizera Santa,
E de amar já muito se fizera Mãe!

Mãe dos pequeninos, loiros portuguezes,
Filhos de menina, netos de velhinha,
Que o Senhór mandava, para os camponêzes,
Pela lua-nova, findos nove mêzes,
De Paris de França n'uma condecinha...

Inda ha pouco môça, casadinha agora,
Vinha a moleirinha com seu ventre a pino,
Tal e qual o mêsmo nossa Mãe Senhóra
Quando vinha a rua já no fim da hora,
Quando andava prenhe lá do seu Menino.

E a velhinha santa d'olhos tão maganos,
Vigiava a môça, vêndo partos novos,
Com os olhos firmes, quasi deshumanos,
Com que uma velhinha de novêta annos
'spreita uma gallinha que anda a pôr os ovos...

Quanta creancinha que já é pastôra
Lhe passara um dia pelos dêdos seus!
Pouco lhe faltara — tão velhinha fóra!
Para sêr parteira de Nossa Senhóra,
Para sêr a ama do Menino Deus...

Quanta creancinha já crescida, quanta,
Que ella trouxe ao mundo, pelos montes ha!
Desde aquêlle parto da Rainha Santa,
Tanta creancinha dera á vida, tanta,
Que nas contas d'ella não têm conta já!

(INEDITO)



RAMALHO ORTIGÃO

A DANÇA

A idade média teve a *dança dos fachos* e a *pavana*, oriunda das Hespanhas e predecessora do *menuete*, o qual entrou pelo pé do celebre Lauzun na corte de Luiz XIV, o rei da mesura e da symetria, da linha curva no espinhaço dos aulicos e da linha recta nos Jardins de Versailles.

A dança, que fez a reputação de Lauzun deitou a perder a de Anna d'Austria.

O cardeal de Richelieu, quasi no ultimo quartel da vida, conservava, entre as suas fraquezas senis, uma paixão violenta pela esposa de Luiz XII — restos mal extinctos, talvez, da chamma ateadada n'outro tempo em seu coração pelo sorriso complacente da viuva de Henrique IV. Anna, a amada de Buckingham, vingou-se das enfatuadas sollicitações do cardeal, obrigando-o a dançar uma *sarabanda* no interior dos seus aposentos.

O grande homem que dizia: — *quando tenho um projecto na mente, derrubo quanto me estorya o caminho e cubro tudo com a minha sotaina vermelha* —, o incomparavel ministro de Luiz XIII, que preparou, com a sua politica, profundamente revolucionaria, os elementos do seculo de ouro da civilização franceza, obedeceu infantilmente ao capricho extravagante d'uma mulher que o desprezava, deixou-se guiar pela maliciosa senhora de Chevreuse, e entrou, á meia noite, no quarto particular da rainha. Estava a scena de antemão preparada para o receber.

Uma orchestra encoberta entou a *sarabanda*. O cardeal arremessou fóra o chapéu desabado e deixou cair a capa de cavalleiro aventureiro.

Estava trajado como os dançarinos da corte: uma meia de seda encarnada e outra amarella; calções de setim, golpeados de amarello e vermelho, gibão igualmente listrado, terminando, por baixo do cinto, em recortes guarnecidos de chocalhinhos de prata; tacões de metal, dentro dos quaes tilintavam os cascaveis; grande tope nos sapatos e garridos laços de fitas nos calções. Ao compasso dos violinos, ergueu a cabeça, alteou os braços, fez estalar entre os dedos as castanholas de marfim, e rompeu na dança. Quando os musicos dêram a derradeira arcada nos instrumentos, o cardeal, com a fronte aljofrada pelo suor, livido pelo esforço quasi sobre-humano que fizera, com as pernas e os braços trémulos, o peito arquejante e a bóca aberta pelo cansaço, dobrou um joelho aos pés de Anna d'Austria, cingiu-lhe a cintura para manter o equilibrio da estremecida ossada, e fitou n'ella os olhos cançados pelos annos, pelas vigílias do estudo, faiscando-lhe então ao olhar o derradeiro lampejo da mocidade, sacudido, entre uma nuvem de cinza, do rescaldo intimo do coração.

A rainha desfechou-lhe no rosto uma gargalhada crua, estridente, mephistophélica, que o obrigou a erguer-se e a recuar de golpe, como se a lingua d'uma vibora repentinamente se lhe houvesse embebido no peito.

O velho ministro, atalhado e immovel, circumvagou machinalmente a vista pelo aposento. A tapeçaria que forrava as paredes, achava-se franzida e levantada em alguns pontos, e quatro ou cinco espectadores, alegres e sarcásticos, seguiam curiosamente os movimentos do principal actor d'esta scena.

Richelieu ergueu a capa que deixára cair; mettu o chapéu na cabeça, cravou na rainha um d'esses olhares que são o tacito protesto d'um odio inquebrantavel e eterno, e saiu dos aposentos régios, pasmado e mudo, profundamente ferido pela mais violenta dôr que pôde varar o coração d'um velho.

A sotaina do cardeal cobriu discretamente a vingança do amante humilhado. O marido de Anna de Austria, pagou, porém, essa aversão entranhada a sua mulher, a divida contrahida n'essa noite por aquelle que quizera constituir-se representante d'elle nos camarins da soberana. O ministro valido tinha despedaçado a reputação da princeza, como um brinquedo antipathico...

THOMAZ DA FONSECA

A uma rapariga pobre

Escrevo-te do campo. A cidade deixei-a:
Inspira-me terror, sabe-me a crime e a fumo...
Tu que gosas a paz santissima da aldeia
Não calculas o mundo estranho que vagueia
N'estas ruas, sem pão, sem abrigo e sem rumo.

Ah! mal sabes o que é viver n'uma cidade,
Sem protecção nem lar! Quantas almas perdidas,
Andam ali estendendo a mão á caridade
Porque não teem trabalho... E quantas vezes hade
Passar por ahí a mãe a que se prendem vidas!

Infelizes! E diz ás vezes certa gente:
Porque envelhece tanto a nossa mocidade?...
E' que não temos vida e a nossa raça doente
Em vez de renascer, desce continuamente
Amamentando o mal que a defecunda e invade.

Agora chega a ser quasi impossivel ter
Uma vontade forte e um coração liberto.
Ninguem procura o amor; tudo aneia o prazer:
A vida é um lupanar, a carne de quem quer
E o vicio um deus que tem sempre o palacio aberto.

Ali a vida é sempre anonima, inconstante.
Não se pode vencer: falham todos os meios.
A mulher que nos olha é apenas a bacante
Que ou me dá n'uma carta o titulo de amante,
Ou me provoca expondo a alvura dos seus seios.

E como sabes sou todo meridional,
Volcanisa-me o corpo a chama do desejo...
Por isso inda que eu veja uma mulher banal,
Desejo possuil-a... Eu sei que isto é brutal,
Mas olho-as perto e não: são doentes que eu bem vejo.

E tenho dô, que á noite não de martirisa-as
Homens brutaes que as tem pró goso unicamente...
Hontem vi lá no cães um bando: puz-me a olhal-as:
Andavam acarretando o saibro para as valas,
Coitadas, a cantar, para enganarem a gente.

E eu lembrei-me de ti, que és robusta e que tens
Um colo escultural e uns braços vigorosos.
Como tu oxalá fossem todas as mães,
Mas estas, vê tu bem, ganham quatro vintens
E com filhos que já nascem tuberculosos.

A grande sociedade é isto, ó minha amiga...
Quanto melhor é o campo e a aldeia onde nascemos!
Que o ceu te guarde, pois, ahí na paz antiga
Do teu amor, cantando emquanto dura a estriga
Ou pensando no dia em que um só lar teremos.

Do *Biblia do Povo*, no prélo.

(INÉDITO)

EÇA DE QUEIROZ

A aia

(Conclusão)

Mas brados de alarme atroaram de repente o palacio. Pelas janellas perpassou o longo flammejar das tochas. Os pateos resoavam com o bater das armas. E desgrenhada, quasi nua, a rainha invadiu a camara, entre as aias, gritando pelo seu filho! Ao avistar o berço de marfim, com as roupas desmanchadas, vasio, caiu sobre as lages, n'um choro, despedaçada. Então calada, muito lenta, muito pallida, a ama descobriu o pobre berço de verga... O principe lá estava, quieto, adormecido, n'um sonho que o fazia sorrir, lhe illuminava toda a face entre os seus cabellos d'oiro. A mãe caiu sobre o berço, com um suspiro, como cae um corpo morto.

E n'esse instante um novo clamor abalou a galeria de marmore. Era o capitão das guardas, a sua gente fiel. Nos seus clamores havia, porém, mais tristeza que triumpho. O bastardo morrera! Colhido, ao fugir, entre o palacio e a cidadella, esmagado pela forte legião de archeiros, succumbira, elle e vinte da sua horda. O seu corpo lá ficára, com flechas no flanco, n'uma pôça de sangue. Mas, ai! dôr sem nome! O corposinho tenro do principe lá ficára tambem, envolto n'um manto, já frio, rôxo ainda das mãos ferozes que o tinham esganado!... Assim tumultuosamente lançavam a nova cruel os homens d'armas — quando a rainha, deslumbrada, com lagrimas, entre risos, ergueu nos braços, para lh'o mostrar, o principe que despertára.

Foi um espanto, uma aclamação. Quem o salvára? Quem?... Lá estava junto do berço de marfim vasio, muda e hirta, aquella que o salvára! Serva sublimemente leal! Fôra ella que, para conservar a vida ao seu principe, mandara á morte o seu filho... Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria extatica, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração... E d'entre aquella multidão que se apertava na galeria, veio uma nova, ardente aclamação, com supplicas de que fosse recompensada magnificamente a serva admiravel que salvára o rei e o reino.

Mas como? Que bolsas d'oiro podem

pagar um filho? Então um velho de casta nobre lembrou que ella fosse levada ao thesoiro real e escolhesse d'entre essas riquezas, que eram como as maiores dos maiores thesoiros da India, todas as que o seu desejo appetecesse...

A rainha tomou a mão da serva. E sem que a sua face de marmore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como n'um sonho, ella foi assim conduzida para a Camara dos Thesoiros. Senhores, aias, homens d'armas, seguiam n'um respeito tão commovido que apenas se ouvia o roçar das sandalias nas lages. As espessas portas do Thesoiro rodaram lentamente. E, quando um servo destrancou as janellas, a luz da madrugada, já clara e rosea, entrando pelos gradeamentos de ferro, accendeu um maravilhoso e faiscante incendio d'oiro e pedrarias! Do chão de rocha até ás sombrias abobadas, por toda a camara, reluziam, scintillavam, refletiam os escudos d'oiro, as armas marchetadas, os montões de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de perolas, todas as riquezas d'aquelle reino, accumuladas por cem reis durante vinte seculos. Um longo *ah*, lento e maravilhado, passou por sobre a turba que emmudecera. Depois houve um silencio, ancioso. E no meio da camara, envolta na refulgencia preciosa, a ama não se movia... Apenas os seus olhos, brilhantes e seccos, se tinham erguido para aquelle ceu que, além das grades, se tingia de rosa e de oiro. Era lá, n'um ceu fresco de madrugada, que estava agora o seu menino. Estava lá, e já o sol se erguia, e era tarde, e o seu menino chorava de certo, e procurava o seu peito!... Então a ama sorriu e estendeu a mão. Todos seguiam, sem respirar, aquelle lento mover da sua mão aberta. Que joia maravilhosa, que fio de diamantes, que punhado de rubis, ia ella escolher?

A ama estendia a mão — sobre um escabello ao lado, entre um molho de armas, agarrou um punhal. Era um punhal de um velho rei, todo cravejado de esmeraldas, e que valia uma provincia.

Agarrára o punhal, e com elle apertado fortemente na mão, apontando para o ceu, onde subiam os primeiros raios do sol, encarou a rainha, a multidão, e gritou:

—Salvei o meu principe, e agora—vou dar de mamar ao meu filho!

E cravou o punhal no coração.



DOMITILLA DE CARVALHO

NO HOSPITAL

E' linda como os anjos ; na pureza
Do seu olhar macio, avelludado
Ha sempre a mesma prece a mesma reza
Que o meu peito recolhe contristado.

Com gestos de quem pede e a tristeza
De quem presente o fim amargurado,
Ergue as mãos pequeninas de princeza
E sorri para todos com agrado

Com aquella ideal resignação
E a mesma fé em Deus Nosso Senhor
Ha dois annos que a vejo doentinha

Quando, presa de immensa compaixão,
Do seu leito me acerco «está melhor?»
Ella responde logo «melhorsinha.»

Coimbra.

(INÉDITO)



ALFREDO GUIMARÃES

SÓ

Quando passava á tarde á tua porta,
Alinhavado ao muro do quintal,
Tinha já vida a minha alma morta,
Em te vendo a bordar n'um enxoval.

Julgava em todo dia a vida torta,
Lia o Garrett, meu mestre, e sempre mal.
Mas em passando á tarde á tua porta,
Cheirava a rosa como o teu rosal.

Um dia lá me veio aquella carta,
Chegou de branco para me enluctar...
— Não chores coração, quem te mal trata ?

E fico-me a tossir com tal prégar.
Mas quando a minha alma te retrata,
—Valha-me Deus—que gosto de chorar...

1903.

(INÉDITO)



PEDRO DU VAL

Em Segredo

(NOCTURNO)

Eu fico-me a scismar quando contemplo
Essa vaga tristeza alanceada,
Que desce d'esse olhar, — nuvem sagrada,
A's naves solitarias do meu templo.

O cerrado mysterio dos teus labios,
O soluçar dos intimos segredos,
Tem o gelo fatal dos frios medos,
O sigillo de dôr dos velhos sabios.

Não me fites assim ! Essa tristeza,
Vestida d'esse olhar, tem a dureza
D'um Christo de marfim n'um sanctuario...

Eu vejo o teu olhar sempre cahido
Nas folhas d'um poema dolorido,
O' coração viuvo n'um sacrario !

Regoa — 1882.

(INÉDITO)



ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO

A quem soffre

Não me dar Deus a mim a linda sorte
Que marcou a quem breve vae morrer,
Nunca mais soffrerá o seu soffrer,
Que as lagrimas e Dôr findam na Morte.

Todos vós que não tendes quem conforto
A vossa magua immensa de viver,
Pedi a Morte para vos trazer
A sua eterna paz serena e forte.

E' ella a Felicidade, ó vós sem esperanças,
E' a eterna boa mãe das creancinhas,
Consoladora eterna da Desgraça

Que n'um ai faz felizes as creanças,
Que leva os velhos e as andorinhas,
E a quem vae o Senhor tóra se ella passa.

Lisboa, 1902.

(INÉDITO)

ALFREDO PIMENTA

CARTA

(EXCERPTO)

.....
 Tu sabes como sou presentemente,
 O q. penso a respeito d'esta Vida
 Q. nós vamos levando tristemente.
 Conheces minha crença definida,
 Minha crença no Bem e na Verdade,
 Minha crença na Luz apeteçada...
 Tu sabes quanto eu amo a Humanidade,
 Quanto gosto de vê-la triumphar
 Nos trajicos combates da maldade!
 A Vida é uma batalha sem cessar;
 E porq. a Vida é eterna, essa batalha
 Também em tempo algum ha de acabar!
 A Vida nam se envolve na Mortalha.
 Ha Vida no Clarão e no Granito,
 Ha Vida no Rochedo e na Migalha!
 Também tem Vida a alma do Infinito.
 Ha vida na mudez da escuridão,
 Ou no estalar nevrotico do grito...
 Uma areia levada num tufão,
 E' uma Vida q. vai arremessada
 Grotescamente para a immensidão...
 A Vida no Universo está espalhada:
 Ou seja na Montanha grandiosa,
 Ou na bemdita lagryma chorada...
 Ha Vida numa pustula horrorosa,
 No pús q. sae d'uma ferida verde,
 No perfume das petalas da rosa...
 Ou saude ou doença q. se herde,
 Nada mais é q. a mesma eterna Vida,
 Q. a Vida, porq. é eterna, não se perde.
 Num pedaço de carne apodrecida,
 No invisivel pó q. anda no ar,
 Ha tambem uma luz desconhecida...
 Esta luz q. anima nosso olhar,
 Esta luz q. não vemos, mas sentimos
 Dentro de nós, em ancias, a gritar,
 E', por exemplo, a maldicção q. ouvimos
 Sahir da bocca informe d'uma pedra,
 Quando com outra, ás vezes, a ferimos!

*
 Ora esta Vida é Deos; mas não o Deos
 Q. se encontra na hostia d'um altar,
 Q. reina sobre o mundo lá nos ceos.
 Não o Deos q. governa sobre o Mar;
 Não o Deos q. mandou nossos avós
 Ir para longes terras batalhar...
 E' sim o Deos q. está dentro de nós;
 E' o Deos q. está nas coisas ignoradas,
 Na luz do sol, no som da nossa voz!
 E' o Deos q. está na poeira das estradas,
 Na musica do beijo fecundante,
 No claro despontar das Madrugadas...
 E' o Deos q. anima os braços d'um amante
 Q. apertam, numa ancia de Prazer,
 Um corpo todo Vida, triumphante...
 E' o Deos q. está no Ventre da Mulher,
 Ou no clarão bemdito das estrellas,
 Ou num cadaver negro a apodrecer!
 E' o Deos q. anima os labios das Donzellas,
 E' o Deos q. grita quando a chuva grita
 Ao bater nas vidracas das janellas...
 Pois Deos é a Vida; e a Vida é infinita!
 E, porq. em tudo quanto existe, ha Vida,
 Em tudo quanto existe, Deos habita!

Coimbra, 1903.

(INÉDITO)

JULIO DANTAS

RUSTICA

O que amas tu em mim, rude mulher robusta,
 Nova causa de dôr que a tanta dôr ajunto?
 A minha mocidade? eu sinto-me um defunto,
 E a tua robustez minha anemia assusta!

Digno de ti, que encontra,—ô ruiva que me perdes!
 Tua alma agreste em mim, que assim se me consagra?
 Creio bem, apezar de ver-te os olhos verdes,
 Que o teu amôr não móra em minha bolsa magra.

A grenha, um vegetal extraordinario d'ouro,
 Não mereço sentir-t'a em minha fraca espalda,
 Eu, que te calço os pés em abarcas de couro,
 Em vez de t'os calçar de veiro e de esmeralda!

Afasta-te de mim! Deixa-me na amargura!
 Faz-me lastima, ruiva, o cuidar que te vendes!
 Nada te posso dar: só a minha alma escura,
 E essa mesma, mulher, tu não a comprehendes!

Toda a miseria ensombra o mais vermelho excesso
 D'amôr: as privações, os filhos louros, a agra
 Lida, hão de te estragar, tornar-te velha e magra;
 E' um instante, veras, enquanto te aborreço.

Bem sabes que nos falta aquelle luxo doudo,
 E que amôr na miseria é rosaryo d'injurias;
 Em vez d'artezões d'onro e d'alcálas purpurias,
 Ha este tecto pôde a desabar-nos todo!

Podes ser virgem, sim, robusta, limpa e agil;
 Ten cheiro de mulher não ser um cheiro falso:
 Prefiro os ossos só d'uma duqueza fragil,
 Ao rustico frescôr d'esse teu pé descalço!

Na burlata do amôr o guarda-roupa é tudo:
 Vestida de burél a débil virgem tersa
 Valé menos, (volupia, ó vergonhoso entrudo!)
 Que em brial de brocado uma mulher perversa!

Sombra d'uma afeição que ainda mal conheço,
 D'um iutimo sentir,—volupia passageira—,
 Este perverso amôr é a mascara de gesso
 Que ponho, d'outro amôr, na livida caveira.

Como um fumista novo e que por dandy fume,
 Muda constantemente a marca do tabaco,
 Não pôde aturar sempre o meu espirito fraco
 Nem a mesma mulher, nem o mesmo perfume.

Deixa-me; é santo o amôr entre os da tua igualha.
 Não roces na minha alma a tua, toma conta:
 Nada mais puro vi que o linho da mortalha,
 E mal roça o defuncto é um nojo, ponta a ponta.

Nos campos ha ainda o rustico amôr velho
 E simples como o leite amungido d'um ubere:
 A mão d'um aradôr, callosa do rabelho,
 Convinha á tua mão de rapariga pubere!

SYLVIO RAMOS

SONHOS

E' bello o sonhar!...

E que suprema ventura nós não sentimos em sonhos doirados, verdejantes de esperanças, repletos de delicias!

Esvae-se rapida a vida como a luz dos teus olhos a fugir-me deslumbrante e auroreal, passam voando como sonhos momentaneos de chimeras as horas queridas de extasis divinos em que o vivêr é dôce e em que a existencia é sonho feito de extasi e o extasi é arroubamento magnetico que se não vence e que se não quebra.

A dormir sonha-se e sonha-se accordado...

O sonho é um viver aéreo n'um mundo novo de novas claridades, novo sol, novas estrellas de luz mais meiga e mais linda, lua mais clara e mais branca; é um viver mystico n'um mundo novo, largo como um oceano azul.

A dormir sonha-se e sonha-se accordado...

Esvae-se n'uma rapidez vertiginosa esta vida em que dormindo se sonha, sonhos que são extasis, e em que accordado se sonha, sonhos que são arroubos.

Sonhar é viver n'um mundo alto, muito alto, longe da terra, em que se não sofre e em que tudo é radioso e lindo; é viver n'um Eden de delicias coalhado de flôres odorosas, entre nuvens lindas de lumes deslumbrantes, uma luz suave como o luar, canticos de harmonias infindas, hymnos extasiadores...

Eu amo os sonhos bemditos e bons que nos divinizam a mulher amada e que nos tornam a alma n'uma pureza e n'uma bondade sem fim. Amo os sonhos que nos purificam o desejo e que nos tornam bons, amantes do bello e da arte. Amo os sonhos porque elles são a expressão do que a alma sente e do que ella deseja, amo-os porque elles nos mostram coisas sublimemente maravilhosas e porque nos illuminam com uma luz radiante esta gruta tenebrosa a que se chama Mundo.

Amo os sonhos porque tudo é sonho: a vida é sonho, o mundo é sonho, o florir d'uma esperanza é sonho — sonhos que se desfazem como uma nuvem de neve ao embate d'uma viração ligeira e de cujas cinzas nos surge a saudade sempre bella, sempre olympica.

Amo os sonhos d'agora, os bemditos sonhos dos dezoito annos, e sinto saudades immensas pelos sonhos lindos e candidos da minha infancia que se perdeu, que me fugiu...

O' sonhos bellos dos dezoito annos que pedis á imaginação o brilho das estrellas, os perfumes subtis das flôres e os reflexos doirados do sol, sonhos bellos que eu adoro tanto não me abandoneis.

Sonhos lindos e candidos da minha infancia perdida, com que inexcedivel saudade eu vos recordo e com que louca ansiedade eu vos desejo!

Amo-vos, ó meus sonhos feitos de extasis, porque sois a expressão do que a minha alma sente e do que ella deseja.

Guimarães — agosto de 1903.

(INÉDITO)



ANTONIO PATRICIO

A PRIMAVERA VOLTA

A Primavera volta...

E eu sinto-a em mim, no ar, nas agoas em revolta, no olhar das creanças e nos montes, nos ruivos areaes, na alegria das fontes... Na velha cathedral da terra ninguem reza, o velho Pan morreu, os satyros fugiram... Uma melancolia, uma saudade peza sobre as almas sem luz que não floriram...

Mas afinal que importa que a primavera volte se a nossa alma é morta... Se ha perfumes de febre a allucinar, se as nossas mãos se crispam de revolta, se a morte espreita em cada baço olhar e vemos com terror que a primavera volta!...

A primavera para quê?... O outomno, charcos da cor do nosso olhar sem somno, marés de espuma em rythmos de elegia e arbustos a morrer na névoa fria... O outomno exangue que não mente, o outomno que a nossa alma dolorosa sente, mas para quê a doida primavera?...

Que faz na terra essa exilada da Chymera?...

Nós todos afinal, covardes e suicidas, não sabemos vivêr... Atiramos á morte as nossas vidas... Só nos interessa o sol quando vae a morrer...

Se vivo na penumbra a evocar os mortos, poetas, meus irmãos e meus amigos, como hei-de eu sentir, assim, olhos absortos, o frémito que corre os troncos mais antigos?...

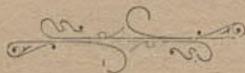
Se adoro uma mulher emmagrecida e exangue
e no seu verde olhar ha cidades de sonho,
como hei-de eu ir colher rosas de sangue
se choro em seus joelhos pallido e tristonho ?...

Se a miseria da vida vive em mim
e a dôr humana crispa os nervos meus,
o que me importa a luz dos poentes de setim
se eu não creio nas almas nem em Deus...

O' minha triste, ó minha tão sacrificada,
olha o meu coração...
Morre de frio e a noite de estrellada
lembra um pomar com fructos d'oiro pelo chão...

Amarrei o meu barco na lagôa
fanada e somnolenta da saudade...
Ah ! nem tu, meu amôr, tu que és tão bôa
mê dizes o caminho da Verdade...

E a primavera volta... que me importa
se é morto para sempre o velho Pan,
se ha folhas seccas na minha alma morta
e a alegria do ar é mentirosa e vã...



Cantigas da Luzitania

XI — Moça alegre ou moça esquiua,
Se não mente, mentiu já :
Mentir é como a saliva,
Que em toda a bocca se dá...

MANUEL DE MOURA.

XII — Quem me dera o Senhor-fora
Mais a hora da agonia,
Se cantasses o Bemdito
A' minha porta, Maria.

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA.

XIII — Os teus peitos são dois ninhos
Muito brancos, muito novos,
Meus beijos os passarinhos
Mortinhos por pôrem ovos.

ANTONIO NOBRE.

XIV — Ave-Marias cahiram ;
— Maria, não vás resar ;
Não reses Ave-Marias
Que é feio pôres-te a gabar.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.

XV — E' tão manso o meu amôr
Que quando tu passas santa :
Se os meus olhos ajoelham
A minh'alma se alevanta.

ALFREDO GUIMARÃES.

(Continua).

PEDRO DU VAL

Esse lindo e luctuoso sonêto que devemos á
amabilidade de Ariosto Silva, um poeta de largo
futuro, affirma o talento exuberante de *Pedro du*
Val.

O discipulo, que promete agora a coordena-
ção da *Obra do Mestre*, é uma excepção n'um
meio que esqueceu um dos temperamentos de
Artistas mais luminosos que a geração de Jun-
queiro abriu radiante de belleza e perfumes na
terra de Portugal.

NOTAS A LAPIS

Temos já — por offerta amavel do seu
auctor — o precioso poema lyrico *Idmhêa*
que Arnaldo Pereira lançou no mercado
n'uma delicada e artistica edição.

O livro, que sahii sem os costumados
réclames que precedem sempre pelas pa-
redes e pelos jornaes as publicações litte-
rarias, está por certo fadado a um exito
extraordinario, que será, sem duvida, a
justiça feita ao talento do laureado Poeta.

No proximo numero fallaremos detida-
mente do mimoso poema, limitando-nos
hoje a agradecer a penhorante offerta.



A's revistas e jornaes que fizeram re-
ferencias amaveis á apparição da *Ala-*
Moderna, agradecemos penhorados a
gentil deferencia, bem como o obsequio
da permuta.

EXPEDIENTE

O atelier onde a administração da *Ala-*
Moderna tinha feito a encomenda das
gravuras para o presente n.º, julga que
o compromisso d'um jornalista é um brin-
quedo de creança, adiavel, por não ter
responsabilidade.

Tendo a redacção promettido o retrato
de Pedro Lobo Machado, cujo artigo está
composto na officina, esta revista viu-se
na dura necessidade, visto o atrazo das
gravuras, de troncar o summario do pre-
sente n.º, deixando para o seguinte a sua
homenagem sincera ao saudoso morto.

*

Rogamos a todas as pessoas a quem enviamos
a nossa revista a subida fineza de no-la devolve-
rem logo depois da sua recepção, caso não queiram
ou não possam coadjuvar-nos com o penhorante
favor da sua assignatura.